

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--2 de Junho-1927

**5 TOSTÕES**

**2.º ANO**

**54**



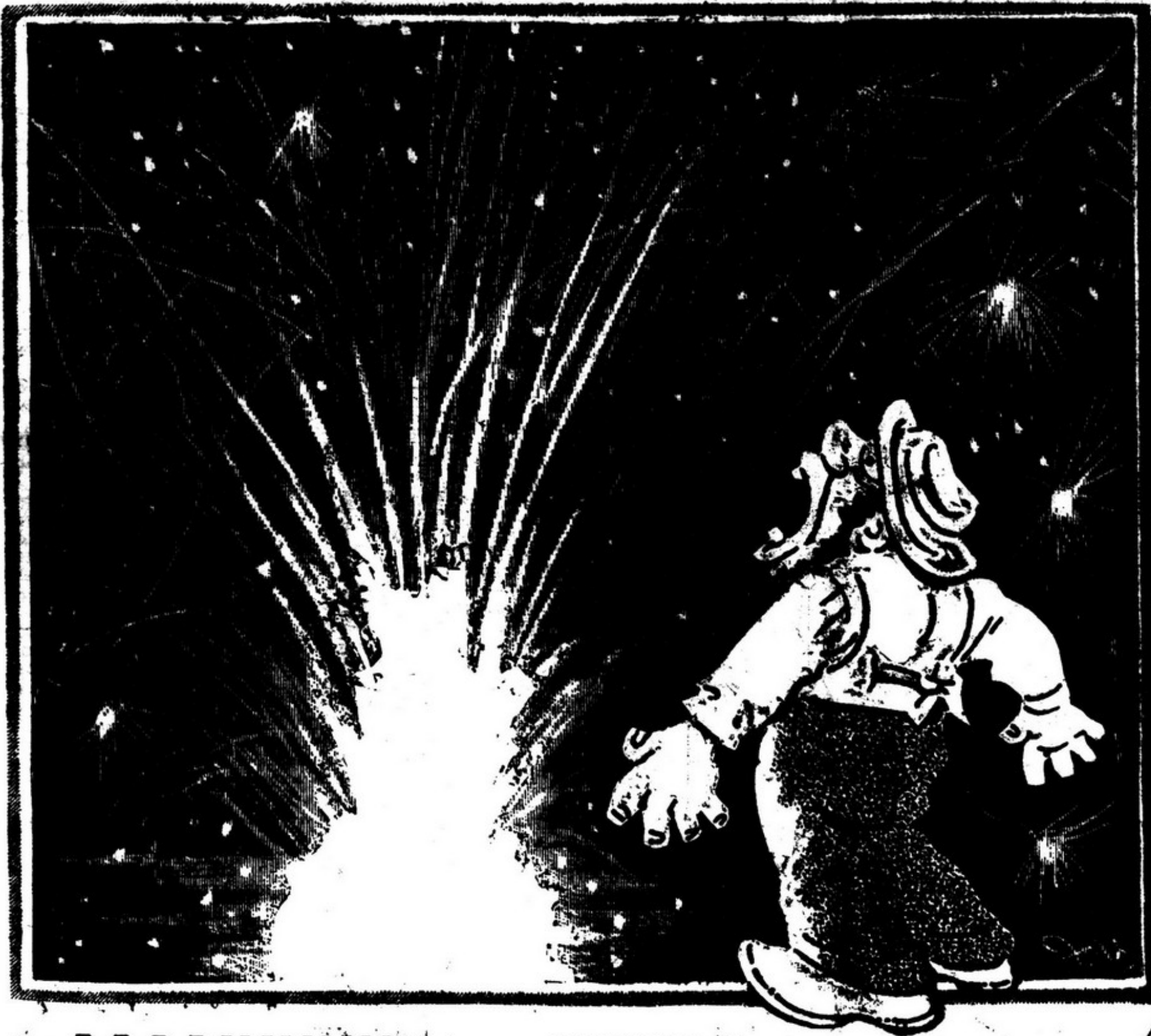
sempre  
**fixe** *semanário humorístico*

Propriedade  
**RENASÇENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 195  
RUA DA ROSA, 57

**Um numero da comemoração**



---AAAAHHHHH.....





## Os ditos da semana



Lisboa vai ter um Arço de Triunfo. Era a única coisa que lhe faltava para ser uma cidade moderna, cheia de conforto e de comodidades. Agora sim, que cada um de nós se vai sentir grande homem, passando debaixo do arco, como se não bastassem o Arco da Rua Augusta, o Arco do Marquês de Alegrete e o Arco da Velha em dias de zaragata nacional, para glorificar as façanhas do portuguesinho valente.

Quem se aventurar ao grande cometimento de percorrer de noite, sem lanterna, certas ruas e certos bairros, onde não brilha uma luz, pode chegar ao fim da jornada com um galo na testa e sem a carteira no bolso, mas resta-lhe a consolação de que lá o espera, ao fim da Avenida da Republica, o Arco do Triunfo, de boca aberta, clamando comovidamente:

— Salvé, vencedor, eu te acolho e te cubro de gloria.

A população morre à sede e lava as cuccas em agua suja porque a Companhia a não dá melhor, mas tem um Arco de Triunfo como compensação, já que os outros — os Arcos das Aguas Livres — passaram a ser, desde ha muito, os Arcos Livres das Aguas, e tão livres que já se pensa em fazer correr a gente por onde dantes corriam as aguas. Quem tiver sede vai até lá cima espaiar um pouco e fica saciado.

Não ha policia, não ha assistencia, não ha material sanitario, não ha higiene, não ha dinheiro, não ha nada, mas ha um Arco de Triunfo para este povo de herois que luta com a fome, com a sede, com os bacilos e com a morte, como se cada cidadão fôsse o Hercules da lenda, escavacando todas as hidras. Quando, amanhã, um alfacinha se meter na cama com a barriga a dar horas, com a guêla a esaldar ou com o corpinho roido de febres, poderá levantar piedosamente os olhos ao céu, murmurando:

— Graças vos dou, meu Deus, porque se me não dais a vida e a saude, dais-me um Arco de Triunfo, que é bem melhor.



O sinaleiro da Praça dos Restauradores é uma instituição digna de nota. Colocaram-no em cima de um fogareiro, não para o passarem pelas brazas, como podia pa-

recer, mas para que o policia, tendo os pés quentes, não seja acometido d'algum daqueles ataques de irascibilidade tão frequentes em quem tem os pés frios. Assim, o sinaleiro será a propria serenidade em pessoa.

Ha quem entenda que, para um lugar de tamanha responsabilidade e que demanda uma rapida e clara inteligencia, era preferivel iluminar a cabeça dos policia, deixando-lhes embora os pés na penumbra, mas é bom não esquecer que, se uma pessoa não sabe onde tem os pés, menos pode saber onde tem a cabeça. Demais, lá diz a sabedoria das nações que a autoridade não pode descer do seu pedestal.

Cada um aprecia a inovação como melhor lhe apraz e segundo as suas predilecções. Ainda ontem, um conhecido desordeiro, que tem por habito devorar orelhas, dedos, narizes e outros apêndices policiaes, ao vêr o sinaleiro sobre o fogareiro, exclamou, en-

tre enternecido e amavel, para o cabo da ronda.

— O' sr. cabo, se é para mim, eu gosto deles mais mal passados.

A Raquel, a grande Raquel, a formidavel Raquel Meller! Não ha nada que a suplante, não ha nada que a iguale. Não dá, como o nosso Romão, o dó de peito debaixo de agua, mas virou do avesso a população alfacinha, esta população que não conhece o meio termo e só sabe consagrar semi-deuses ou passar atestados de estupidez a quem não lhe cai em graça. Quem não lór um deus ha de por força ser uma besta e vice-versa.

Por vezes é a propria imprensa que compromete os artistas. Ainda ha dias a Esperança Iris teve de vir declarar à boca da scena que lhe tinham feito um réclamo exagerado e pedir desculpa de

não ser de origem divina, ela e as suas pupilas, adextradas em alta escola para deslumbramento do lisboeta libidinoso e de olho esgazeados.

Vitar Hugo e Camões, Sarah Bernhardt e Rosa Damasceno foram estrelas apagadas que nunca mereceram os adjectivos com que se mimoseou a famosa *tonadillera*.

A Raquel andou de boca em boca, exclamada, gritada, chorada, estericamente aplaudida no teatro e no seio das familias. A sua fama soou tão alto e tão longe que até aqueles que a não viram traziam à ponta dos labios a doentia e encomiastica exclamação:

— Oh! a Raquel, a formidavel Raquel!

Emfim, porque está no feitiço da raça o exagero sem limites, Raquel Meller teve em Portugal uma popularidade maior do que a população.

lh! a extraordinaria Raquel!

Uff! que grande Raquel!

## João de Barros



Escreve sobre a Grecia, sonha com a Grecia e possui um lindo nariz grego. Tange na lira a aria do "Alasta, janota, alasta, deixa passar o ministro".

A ponte sobre o Tejo vai ser um facto. Dentro em pouco realizar-se-ha o grande sonho alfacinha — poder ir à Outra Banda sem enjoar. Lisboa e Cacilhas identificar-se-hão. Os burros verão ampliada a sua patria — os de Cacilhas e os de Lisboa.

Uma nova era de prosperidades vai rasgar-se ante os nossos olhos estupefactos. Daqui para aquela banda tudo será caminho chão, como se diz na cantiga.

Sobre o Tejo deixará de ser apenas o titulo de nma valsa que fez furor no seu tempo, para passar a ser uma das maravilhas do mundo. Ir-se-ha a Cacilhas com a mesma facilidade com que Lindberg vai de Nova York a Paris. E a meio da ponte, numa larga Rotunda envidraçada e deslumbrante de luzes, dansar-se-ha furiosamente o Charleston como se cada um estivesse em sua casa, no dia de receber as Pires, ou nos hoteis da Curia, num grande feira internacional para venda de palitos de Oeiras por grosso e em larga escala.

E depois, como se passa bem a ponte a pé, quando tiver de rebentar uma daquelas periodicas bernardas com que é costume atrair o *touriste*, talvez a Rotunda da Ponte venha a substituir a Rotunda da Avenida, com vantagem para os predios da cidade mas com grave risco para a vida dos carapaus.

**HUMORISMO  
NO  
ESTRANGEIRO**



—Olhe que o piano está de pernas para o ar.

—Não se aflija, senhor, porque foi assim que ele caiu do camião, mas já o pomos direito.



—Vê se me dás de comer, que já trago o estomago de r. tos.



O homem de negocios, depois de ter beijado a esposa.

—Ora agora tenho que ditar-lho umas cartas, menina...

**A MULHER, O TELEFONE E O SOFÁ**

**Comedia vertiginosa num acto**

No escritorio da firma Mendonça & C. — Importações e Exportações. Um gabinete de trabalho com uma secretária e algumas cadeiras e outros objectos, todos em estilo comercial, e um sofá que não é em estilo comercial.

**PERSÓNAGENS:** Vicente Mendonça, 50 anos. Espirito metódico, ultra-sereno e inflexivelmente obediente ao seu feiito todo raciocinio.

**Ricardo Freitas**, 28 anos. Audacioso e empreendedor. A firma, com seus gestos arrobatados, passa, vertiginosamente, da decadencia á prosperidade e vice-versa.

**Henriqueta Mendonça**, 30 anos. É mulher do primeiro. É uma senhora que diz ter 25 anos e tem a imaginação, a alegria e a frivola irresponsabilidade dos 18.

**SCENA I  
Mendonça e Freitas**

**Mendonça:**—Esse negocio pode converter-se numa catastrophe. Você sabe bem que as suas especulações podem conduzir-nos á ruína. A ruína é a falta de dinheiro; a falta do dinheiro é a impossibilidade do respeitarmos os nossos compromissos. Isso desrespeito acarreta a perda do credito; a perda do credito é a falencia. A falencia é o Tribunal do Comercio; o Tribunal do Comercio é a quebra; a quebra é a miseria.

Siga o meu conselho: não faça o negocio.

**Freitas:**— O negocio é um golpe admiravel. A 10, compramos o artigo; a 15, os jornais clamam contra o seu açambarcamento; a 20, o governo declara que o vai tabelar, fixando-lho o preço minimo; a 25, ele subiu do preço, o a 30, atingiu um aumento de 100 por cento. A 1 está tabelado, mas já com um acrescimo de 50 por cento—e nós ganhamos uma contena de contos.

**Mendonça:**—Não concordo, mas entrego-me nas suas mãos. Bom, agora você faz-me um favor; telefona para minha mulher e avise-a de que eu só vouho buscá-la ás 9 horas para ir ao teatro. Não tenho tempo para jantar fóra com ela. Venho a essa hora procurá-la no escritorio.

Até logo—e cuidado com o negocio. (Sci Mendonça).

**SCENA II  
Freitas (só)**

**Freitas (ao telefone):**—Sim, 3945, Trindade. Trim... trim... trim... É a D. Henriqueta?—Não—Sim—Sim—Não—É claro—Não—Sim. O seu marido pede-lhe que esteja aqui no escritorio ás 6 horas, senão faltará o tempo para irem jantar e estarem no teatro ás 9. Seja pontual—Pontual, por minha causa? Muito obrigado. Sim—Não—Não—Sim.

**SCENA III  
Todos e D. Henriqueta**

**D. Henriqueta (ligeiramente apreenhiva):**—Seis e meia e meu marido sem

vir! Ter-lho-ha acontecido alguma coisa. (Ouve passos). Oiço passos. Será ele?

**Freitas (com perversa certeza):**— Não é. Só vem ás 9 horas.

**D. Henriqueta:**—Como sabe?

**Freitas (um pouco perturbado):**— Enganei-me no recado. É para estar cá ás 9 horas. Ha de desculpar-me. E o pior é que fica sem jantar—a não ser que chame um taxi o volte a casa.

**D. Henriqueta, com o seu mais agradável sorriso:**—Desculpe-o de boa vontade. Os senhores estão sempre a pensar em negocios... Mas, como meu marido é tão metódico, para o não desgostar, digo-lhe que cheguei ás 9 horas. Concorde que sou bastante gentil.

**Freitas, que começa a desorientar-se:**—A D. Henriqueta é sempre gentilissima para mim. Palavra do honra que me desespera o não encontrar maneira de corresponder á sua grande amabilidade.

**D. Henriqueta, que começa a enrubescer:**—Não precisa de procurar. A maneira delicada como me fala, como me ouve, como me trata, é sufficiente recompensa...

**Freitas, cuja desorientação prossegue:**—Então o meu trato, os meus olhos, a minha voz recompensaram-na? (Avança para ela).

**D. Henriqueta, recuando:**—Faz até com que me aproxime de você sem receio. (Com irreprimida tristeza). Sempre foi para mim tão delicado, tão correcto...

**Freitas, desorientadissimo:**— Pode aproximar-se sempre do mim... Gosto tanto de a vêr proxima... (Avança mais e D. Henriqueta recua mais. O dialogo torna-se cinematografico: interveem apenas os olhos e os gestos).

**D. Henriqueta, deixando-se abraçar e correspondendo nervosamente ao amplexo:**— Afaste-se; caia em si. (Freitas, que ensurdeceu repentinamente, tomba sobre ela e rolam ambos no sofá).

**SCENA IV**

**Mendonça (que entrou subitamente e viu sem querer o que não desejava nem esperava):**—Cegaram-me de coera, mas não conseguiram fazer-me perder a serenidade. (Freitas e D. Henriqueta, que lo perderam, incluindo a serenidade, nada obtemperam). Tenho o remedio nas minhas mãos. A senhora (aponta para a mulher) nunca mais aqui volte, para que eu nunca mais aqui a encontre. Corto o telefone e acabam-se os recados mal repetidos. O sofá desaparece e nunca mais se repetirá nele a scena de hoje. Não se repetindo, nunca mais zombarão do mim. E eu já provei que não sou para zombarias. Talvez julgassem que, depois disto, continuava o telefon, continuava o sofá, continuava a senhora! (Conceituoso. Profundo). Neste mundo tudo acaba!

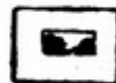
**F M  
Cristiano Pinto.**

**HUMORISMO  
NO  
ESTRANGEIRO**



—A'manhã é o dia de anos de minha mulher.

—Olha, dá-lhe uma madeixa dos teus cabelos...

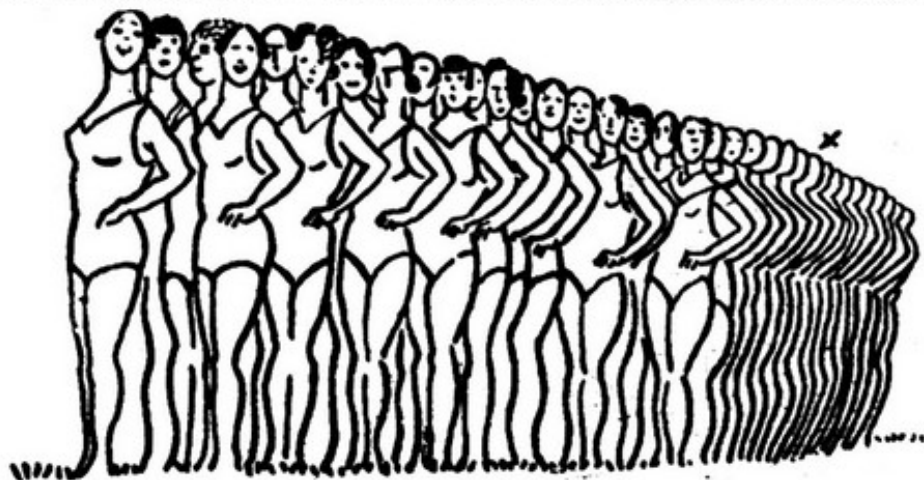


—E tu eras capaz de casar com aquela mulher?

—Eu ora... Ao menos ainda ficava lugar para outra...



—Que é isto?  
—É o produto do meu talento. Tinha as três lampadas partidas, substitui-as...



**FOTO-NITIDA**

gabrielson

N. da R.—Nesta fotografia, tirada antes da parada, e onde está o sinal X, vê-se "Miss Portugal", que, como os leitores vêem, se destaca imenso das suas rivais.



—O' sr. guarda, pode-se passar?  
—Pode, sim senhor, mas só daqui a bocadinho, quando aparecer mais algum veiculo. Não convem estar sempre a interromper o transito.

# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»

O *Topa-a-Tudo* é uma peça que tem todos os géneros. Quando parece uma revista, vira para o drama—e quando o espectador está com a lagrima no canto do olho, desaperta os suspensores com uma barrigada de riso que não se pode ter nas pernas, nem na cadeira. Ha varias piadas a gente conhecida e um numero das *Botas* com a musica das *Rosas*. O *Alegrim* é inimitavel a embalar as palhetas. Até parece a *Degita*—*Lina Demoel*, como lá se diz...

■ ■ ■

O *Macedo* mais o *Climaco* foram jogar o *Foot-Ball* para o Coliseu dos Recreios. O *match* tem decorrido animado. Todos os dias se registam *goals* de espavento. O *team*, embora não seja o melhor *Onze de Portugal*, porta-se bem. *Carlos Loal*, o *keeper*, não deixa passar uma bola. Está melhor de que o *Zamora*...

■ ■ ■

CONSTA que se está organizando uma parçaria teatral com dez escritores e seis maestros.

Eis o que se chama um comprimido de talento—para efeitos digestivos!

■ ■ ■

O escritor *Alberto Barbosa* envereda, decididamente, para a provincia, á frente duma companhia de revista. Portugal vai, enfim, conhecer a sua verdadeira intelligencia?

■ ■ ■

O *Maria Vitoria* tem para breve uma opereta—*Maria Rapaz*.

Quem interpretará a personagem principal? Homem ou mulher? Cuidado com as confusões... e as situações.



**Conchita Ulia**

*Dantes, quando cantava, sabia-lhe tudo da alma. Agora, sai-lhe tudo da «conchita»... do ponto*

**CARMINDA** Pereira, que está trabalhando no *Maria Vitoria*—apareceu, na *Estrela de Alva*, muito mal disposta, e a *Margarida de Almeida* muito risonha. Misterios do teatro que não se devem desvendar... Recomendamos á primeira que não appareça em scena com tantos pentes de côr. E' uma concorrência desleal ás lojas da especialidade.

■ ■ ■

AS scenas do *Padre Cura* tem magnificos oleados. Foi por isso, naturalmente, que a representação deellou tão bem. Até o *Lanzudo*, cão de farto pelo, representou o seu papel sem uma falha. Como é o unico que não fala, não é para admirar...

■ ■ ■

A *Estrela de Alva*, de *Mario Monteiro*, mete em scena um burro muito gentil. O animal não anda lá muito bem da barriga. Até come folha de oliveira.

Não será possível aumentar-lhe a ração?

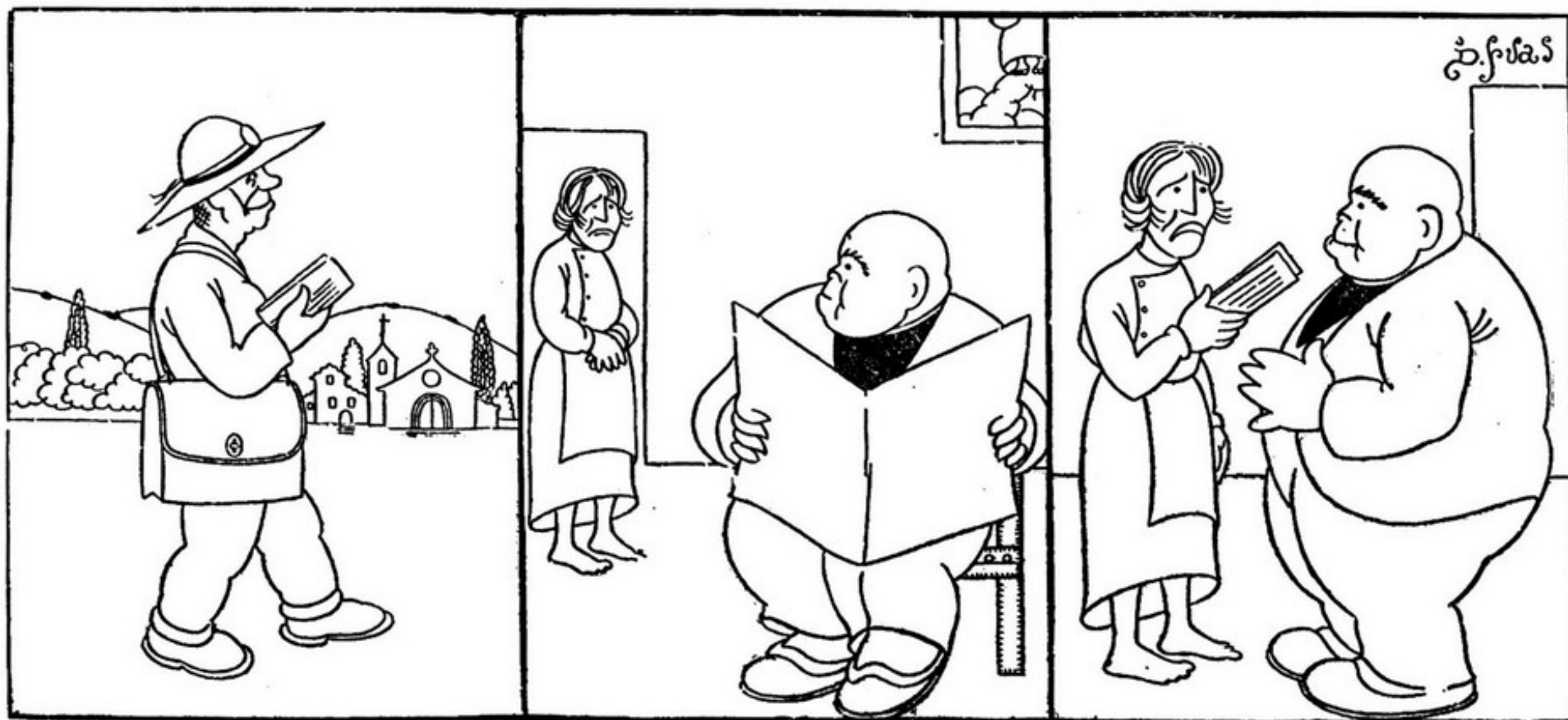
■ ■ ■

DAO-SE alviçaras a quem souber do paradeiro do escritor *Lino Ferreira*. Perdeu-se em Paris, ha quinze dias. E' gordo, sorridente, usa chapen de palha e tem muito talento. Dirigir indicações ao empresario *Almeida Cruz*, Teatro Eden, Lisboa.

■ ■ ■

**PALMIRA** Bastos já não vai para o Brasil, depois de ter dito que sim. Eis o que se chama uma «Mulher Selvagem»...

**O Homem das 5 horas**



Todos os dias o distribuidor rural entregava em casa do abade o jornal que este assinava de sociedade com o professor da aldeia.

Certo dia, o abade, depois de ter lido o jornal da primeira á ultima linha, chamou a criada para esta o levar ao professor.

—Para que quererá o sr. professor o jornal—diz a criada—se vossa reverencia já o leu todo, não deixando nada para ele?!

## CANÇÃO NACIONAL

## FADO DA BICA

## Mote

Faz depressa o testamento  
que um dia apanhas um tombo  
e deslizas num momento  
p'la BICA no Maxibombo.

## Glosas

Dois caizotes de piano,  
onde eu quasi não me encaizo,  
andam p'ra cima e p'ra baixo  
na BICA em vai-um insano.  
Mete-se nele um fulano  
e, ao entrar, p'lo sofrimento  
cardíaco em desalento,  
para o consaço evitar,  
mal que ele se ponha a andar,  
faz depressa o testamento.

De S. Paulo p'r'ó Loreto,  
tu cometes tal façanha,  
maior que a d' Gunyhama,  
que foi temível rei preto.  
E, agora, c'om ar facetó,  
se tiver's amor ao lombo,  
toma tento em qualquer rombo  
na tromba, v'ê lá não m'rras...  
Olha p'r'á Virgem, não corras  
que um dia apanhas um tombo.

A travessia falada  
do «Argos» por sobre o mar  
não se p'ode comparar  
a quem suba tal calçada.  
Tem do arrojo a nomeada  
de fatal empreendimento,  
muito embora haja o provento  
de amassas v'êr muita méda,  
pois p'la Casa da Moeda  
c'as! enfias num momento.

Esse ascensor de má sorte  
tem um tremendo cartaz  
co'o azar que vem de traz,  
mais terrível do que morte...  
Ozalá não mais se entorte  
esse tão fragil combo  
mas, á cautela—não combo—  
nele nunca mais me meto,  
nem á força dum decreto,  
p'la BICA no «Maxibombo».

## Fixe Junior

## EM LETRA REDONDA

De como uma virgula comprometo  
muitas vezes:

«Este órgão da imprensa, que não  
é um jornal de chantage só, publica  
informações que venham autenticadas  
por quem as forneça. De contrario,  
vão para o cesto dos papeis inúteis.»

\* \* \*

Vejam agora isto que ha tempos  
apareceu num diario:

«Os auscultadores da T. S. F. pro-  
testaram junto de...»

Quer dizer: traduziram «radio-escu-  
chas» por auscultadores... que em se-  
guida protestaram.

\* \* \*

Pedago duma carta dum indignado  
senhor para um jornal diario:

«Sr. Director:—Poço a V. Ex.ª a  
fineza de desmontar a sua noticia de  
ontem, que me ofendo na minha di-  
gnidade de patife e ladrão...»

## A NOVELA DO "FIXE"

## O colarinho n.º 38

Uma ocasião em que eu passava pela  
rua do Ouro, atraiu-me o réclamo de  
umas camisas com dois colarinhos, por  
um preço realmente tentador.

O tecido era bom e bonito.

Entrei na loja e pagar trinta e cin-  
co escudos e levar uma camisa, foi  
obra de um momento...

A medida era 38.

No dia seguinte, vestia e—santo  
Deus!—o meu pescoço e a cabeça de-  
ram-me a impressão, ao espelho, de  
um badalo de campainha... tal eram  
os centímetros... mais do que os trin-  
ta e oito, na medida do cox e do cola-  
rinho.

Indignado, fui á loja do vendedor  
e ele, gentilmente, disse-me:

—Isso encolhe com as lavagens...

Verá que dá os trinta e oito. Estas  
camisas, como vê, baratas, toem este  
senão... Encolhem em casa do fre-  
guês...

«Tenho umas outras, naturalmente  
mais caras, que, tendo a medida cer-  
ta, já encolherem aquilo que tiveram  
que encolher cá em casa e, de resto,  
V. Ex.ª parece-me que não ouviu can-  
tar, em S. Carlos, o Caruso por um  
patacoo...

Com estes argumentos, o caixeiro  
convenceu-me e eu comprei uma das  
tais camisas que já estavam á prova  
de encolhimento e que me ficavam jus-  
tamente á minha medida.

Era mais caro, mas foi outro as-  
seio...

Passam-se meses e a tal camisa ba-  
rata que me estava larguissima no cox  
teve muitas lavagens. De cada lava-  
gem encolheu alguns milímetros e o  
caso é que, dos 38 centímetros muitis-  
simo folgados que tinha—talvez 40...—  
passou a trinta e sete... Encolheu três  
centímetros!...

Claro que fui obrigado a pôr a ca-  
misa e os colarinhos de parte.

Um dia, por um acaso doentio, emag-  
reci, sentia-me fraco, embora visse  
que era um mal passageiro. Todas as  
camisas que possuia estavam largas.

Dá-se a coincidência de encontrar  
o meu medico e ele, ao vêr-me, disse:  
—Você tome cuidado consigo; está

muito magro. Olhe que, na sua idade,  
etc., etc., etc.

Despedi-me e, com franqueza, as-  
sustei-me.

Isto foi de manhã e ao entrar para  
minha casa, onde fui fazer a minha  
toilette e tomar um banho antes de  
almoçar.

Ao sair, já almoçado e vestido de  
ponto em branco, no mesmo local onde  
encontrara o medico, topei com um  
amigo velho, que me disse:

—Homem, tu estás excelente de pa-  
recer, estás mais gordo!

Eu, que ainda tinha nos meus ouvi-  
dos as palavras assustadiças do medi-  
co, tive um vislumbre de alegria.

Seria possível?!... O medico ter-me-  
hia visto com maus olhos?...

—Pois é como te digo; os anos pas-  
sam por cima de ti e cada vez mais  
novo... Continua, continua...

E o meu amigo despediu-se de mim.

Avenida abaixo, talvez por ter al-  
moçado bem, não me sentia tão fra-  
co... e pensava na veneta que tinha  
dado ao medico.

Passada uma hora, eu não me pou-  
de suster... Desabotoei o colarinho...  
Estava afoguedo.

—Que diabo seria que me punha  
tão corado quando, horas antes, esta-  
va pálido?!

Uma vez o colarinho ao alcance da  
minha observação, matei a charada!

Tinha vestido, por engano, uma das  
tais camisas baratas que encolhiam em  
casa do freguês.

Voltei a casa furioso, não sem abon-  
çoar o lojista que me proporcionou,  
pelo menos, uma ocasião de ter tido  
um aspecto de saude por dois minutos  
e por dois centímetros a menos...

Claro que a camisa e o colarinho ti-  
veram outra lavagem, o que fez com  
que eu a oferecesse ao meu garoto de  
doze anos e que lhe está na medida,  
mas, por gratidão ao camiseiro, usan-  
do eu trinta e oito, comprei meia du-  
zia quarenta e dois e pu-las, ha um  
mês, de mólho, para não ter mais ilu-  
sões de homem sadio.

Reporter B.

## Fitas faladas

Todo o elegante e incansavel ama-  
dor da arte de Terpsychoe, tradu-  
sida em petit-nègre, todo aquelle que,  
quer no Bristol, nos chás-das-horas-  
que-forem ou no Ateneu Comercial,  
costuma exhibir, conscienciosamente,  
os seus dotes de Josefina Baker, deve  
ir nesta semana ao Tivoli. Corre-se  
ali um super-documentario, *Os Miste-  
rios do Continente Negro*, que, como  
demonstração coreografica, deixa a  
perder de vista as seis lições que o  
professor Murray ministrou, ha al-  
guns meses, no Central.

O corpo de baile dos Daí, em que  
figuram futuros ases de music-hall,  
executa autenticos passos de tremidi-  
nho, carlostão e sim-senhor de preto,  
as novas dansas a que, por anglo-  
nia e falta de patriotismo, costum-  
amos denominar, respectivamente,  
*shimmy, charleston e black-bottom*.

Quando veremos nós as nossas ele-  
gantes e os nossos—salvo seja—men-  
inos bonitos, desengonçando-se nas ar-  
tísticas cabriolas do *Dam-Biri*, do  
*Dam-Begué*, do *Dam-Dokela* e do  
*Tou-Tou*?

O Nicolino Milano viu-se sériamen-  
te embaraçado para musicar tanto  
batuque. Como ultimo recurso, recor-  
reu aos *derniers succès* do Salabert;  
e o caso é que lhes vão como uma  
luva.

Os botas de elástico que acorreram  
ao Tivoli, para armazenarem argu-  
mentos contra as dansas modernas,



Jaque Dimitrief — Henri Catelain

devem aproveitar a ocasião para se  
reconciliarem com o Marcel L'Hér-  
bier que eles patearam, furiosamente,  
na *Deshumana*. Se não gostarem da  
*Vertigem*, digam a toda a gente que  
não percebem nada de cinema; ga-  
ranto-lhe que é verdade.

Jaque Catelain está cada vez mais  
bonito, a ponto de se não saber quem  
é a fascinadora estrela, se é ele, se é a  
Emmy Linn, que reaparece á luz dos  
*sunlights* na adaptação da peça de  
Meré. Embora a rubrica os obrigue  
a apaixonarem-se, levam a fita toda  
ao despique, a vêr qual dos dois é o  
mais fotogénico. Mas o Roger Karl,  
que tem uma preferéncia manifesta  
pela Emmy—o que revela bom-gosto  
e bons-costumes acha que a melhor  
maneira de eliminar o Jaque do con-  
curso é dar-lhe cabo da pele.

O Catelainzinho aproveita o ensejo  
para fazer o seu papel preferido—o  
de cadaver. Um espectador contou-me  
que, quando o conde Svirski deu o  
primeiro tiro, por maior que fosse a  
sua consideração pela Arte Muda,  
v'u-se forçado a ir realizar, lá dentro,  
certo acto fisiológico de primeira ne-  
cessidade. Pois, quando voltou, o Di-  
mitrief ainda se torcia e revirava os  
olhos.

Afi: J. veio a saber-se que aqu'lo  
tudo era fita, porque o rapaziño res-  
scitou.

O filme volta para a primeira par-  
te, isto é: os jovens voltam a apaix-  
onar-se e o conde Svirski volta a que-  
rer liquidar o pobre Henrique.

Como, se ele o matasse, a fita nun-  
ca mais acabava, porque aparecia lo-  
go outro, desta vez quem morre é o  
Roger Karl. Leva menos tempo que o  
Dimitrief, mas vamos lá que, se ao  
espirituoso espectador de ha pouco  
voltasse a mesma imperiosa vontade  
ainda tinha tempo para fazer alguma  
coisa.

Retardador.



—A senhora não pode passar.

—Porquê?

—Primeiro os peões, depois os camiões.



# PROSA DE CHA VELHO

## Carta do Pinheiro Maluco á sua Possidonia

Minha querida Possidonia:—Serve esta para, em prosa de chavelho, te dar noticias da ultima corrida no Campo Pequeno, em festa do D. Ruy da Camara e do João Nuncio.

A praça estava solene de assistencia e, autentica Camara da Nunciatura, nem faltava, em lugar visivel dum camarote, um celebre orador sagrado, hoje ornamento do fóro como já o era do pulpito. A sua presenca, por inédita, deu lugar a varios comentarios; quanto a mim, pareceu-me bem que um padra fosse cumprimentar o Nuncio. Este toureou quatro touros porque o D. Ruy, que está melhor da perna, ainda não pode entrar em danças.

Dos touros te posso dizer que, além do de Infante, foram notaveis pela bravura os dois do ganadero hispano-caldense Neto Rebelo. Um bravissimo, outro regular mas mais pequeno, um touro acarneirado. Quanto aos do festejado, via-se perfeitamente que o conheciam e lhe obedeciam, com um sorriso seril e amavel. Os ensaios de Alcazer, porém, não foram de molde a ser a representação brilhante e luzida.

O Villalta, com todo aquele pescoço, excedia em proporção o tamanho dos touros, assustados ante a nova aparição do gigante Adamastor baturro, e quando o espada tinha a cabeça ali pela altura dos camarotes do 1.º, não passavam as hastes dos bichos das cordas das barreiras. E para o portuguezinho valente, os autenticos espadas foram os bandarilheiros do espada.

Claro que o sr. Luciano não lhes ficou atrás. Fez uma brilhante oração ao Nuncio, ficando com duas bandarilhas de palma na palma da mão e um nariz dum palmo porque o touro, ao vê-lo reaparecer após tão longa e chorada ausencia, não lhe quiz estragar a roupa, preferindo cheirá-lo, olhá-lo e... abandoná-lo.

O Alfareio foi projectado no espaço por um bicho que, sabendo ser em Deiras a sua residencia, lhe quiz poupar despesas do comboio.

Gostei muito dos campinos a cavallo. Um, então, deixou-me encantado porque saiu da praça em passo suspenso num delicadissimo percheron, o que não é o mesmo que chaperon, qualidade reservada á mana da «Miss Diario de Noticias».

Termino esta com a minha admiracão pelos rapazes do Ribatejo. Dois deles, seja a pegar ou a guiar, são sempre dois manos toureiros capazes até de fazerem a sorte de cadeira, de cadeira ou de banco...

Teu do coração,

**Pinheiro Maluco.**

## O desafio militar PORTUGAL-ESPANHA

Essa equipe militar Qu'em Maio nos visitou, Pouco nos deu que falar Pelo pouco que actuou!

No entanto, ouçam bem, Houve piada a ferver! Ouvi da boca d'algum Uma chalaca a valer.

Como de roxo vestissem, O que lhe ha de ocorrer? Eu só queria qu'o ouvissem, Não diz outra igual o tipo! Pois chamou-lhes:—«El equipo Del Señor del Gran Poder!!!»...

**Cargri.**

# O AVENTAL de D. Policarpa

D. Policarpa Moreira foi dar uma volta pela cosinha, depois da saída do seu marido para o escritorio, notando que as caçarolas se encontravam ornadas de desenhos a verde, de um feitio artistico mas perigoso, e que os estanhos estavam limpos como uns chinelos velhos. De tal modo este estado de coisas a impressionou que, cinco minutos depois, a criada desciá os cento e trinta degraus do quinto andar onde residia a D. Policarpa, encontrando em cada degrau um epíteto desagradavel dirigido á sua ex-patrão—o que já não é pequeno elogio para a lingua portuguesa.

Entretanto, D. Policarpa lamentava a sua sorte, enquanto pensava no alhoço do marido. Apanhou do chão o avental branco abandonado pela sopeira, deitou mãos á obra, depois de arregaçar as mangas, e reuniu todas as suas recordações historicas e filosoficas sobre a açorda de bacalhau e a omelete de presunto, unicos acepipes que entravam nos seus conhecimentos culinarios, mas o seu recolhimento foi interrompido por um toque de campainha na escada de serviço.

D. Policarpa, correndo, esquecendo-se de tirar o avental:—Quem será?... O que é que quer?

O homem da carne:—Aqui tem o assem e a rabadilha... (Espantado por não reconhecer a cosinheira). Já não é a mesma! Quando foi que mudaram de cosinheira? Então a patrão é rabujenta?...

D. Policarpa, pouco contente:—Foi a outra que lhe disse?

O homem da carne:—Fol o creto que só tem uma qualidade... (D. Policarpa escuta com interesse). Não amata nada do que se passa cá por casa. Todas as semanas, contavamos uma quarta parte do peso da carne a mais e dividiamos o lucro ao meio... Ela não vê nada...

D. Policarpa, aniquilada:—Uma quarta parte a mais!...

O homem da carne, tocando-lhe com o cotovelo:—Não acredite!... Com você podia-se fazer o mesmo, minha joia?...

D. Policarpa, atrapalhada:—Minha joia!... (aparte) Eu devia ter tirado o avental.

O homem da carne, com afabilidade:—E creia que não desgosto de si... que cá estava era boa, mas você não é nenhuma peste...

D. Policarpa, começando a achar o caso divertido:—Acha-me então a seu gosto?

O homem da carne:—E creio que não tenho mau gosto. Se não estivesse comprometida, nós poder-nos-hiamos entender...

D. Policarpa:—Agradeço, mas não posso aceitar.

O homem da carne, retirando-se:—E' pena. O patrão gosta que a gente esteja nas boas graças das cosinheiras... E você não desagradava...

Sai.  
D. Policarpa, só:—Só me faltava esta declaração. Estou capaz de contar tudo a meu marido. (Reflectindo). Para quê?!

Continúa os preparativos culinarios, a breve trecho interrompidos por novo toque de campainha).



—E dizem que falta a luz em Lisboa, quando ella anda ali pelo chão aos pontapés.

# Chão d'Urtigas

## Sátiras a uma...

Sempre assim julgar se deve, Embora estranho pareça: «Mulher de cabeça leve Dá peso noutra cabeça!...

Altiva, viras as costas, Cheia de modas tafúes... Dize-me cá:—Inda gostas De usar as ligas azues?!

Assim como por demais Deitas-me um olhar arisco... Meus olho não são pardais Que vão cair nesse visco!...

Já «um» se matou por mágua Que tu lhe causaste, á «dama»! Coitado! Afogou-se em agua... Não quiz afogar-se em lama!...

Comentava hoje na «Neves» Um «quidam» de face glalça; «Que esses panos tão leves Parecem panos de... calça!...

Passavas... E disse alguém, Aspirando o teu perfume: «Ha rosas que cheiram bem A' custa de muito estrume!...

De Satan em servidão, A tua visão e está: Fazer a distribuição Do que lhe nasce na testa...

Dizes que contas vencer Ainda tantos desdens... Deus me livre de perder Aquilo... que tu no tens!...

## Rui d'Aço.



—Pelo que vejo dentro em pouco haverá mais autos do que passageiros. —Sem duvida, uma maioria esmagadora...

## Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

### MATERIAL E TRACÇÃO Serviço d'Armazens

Fornecimento de 10.000 kgs. de estanho em lingotes, de 1.ª qualidade

No dia 31 de Maio, pelas 12,30 horas, na estação central de Lisboa (Rossio), perante a Comissão Executiva desta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 10.000 kgs. d'estanho em lingotes, de 1.ª qualidade.

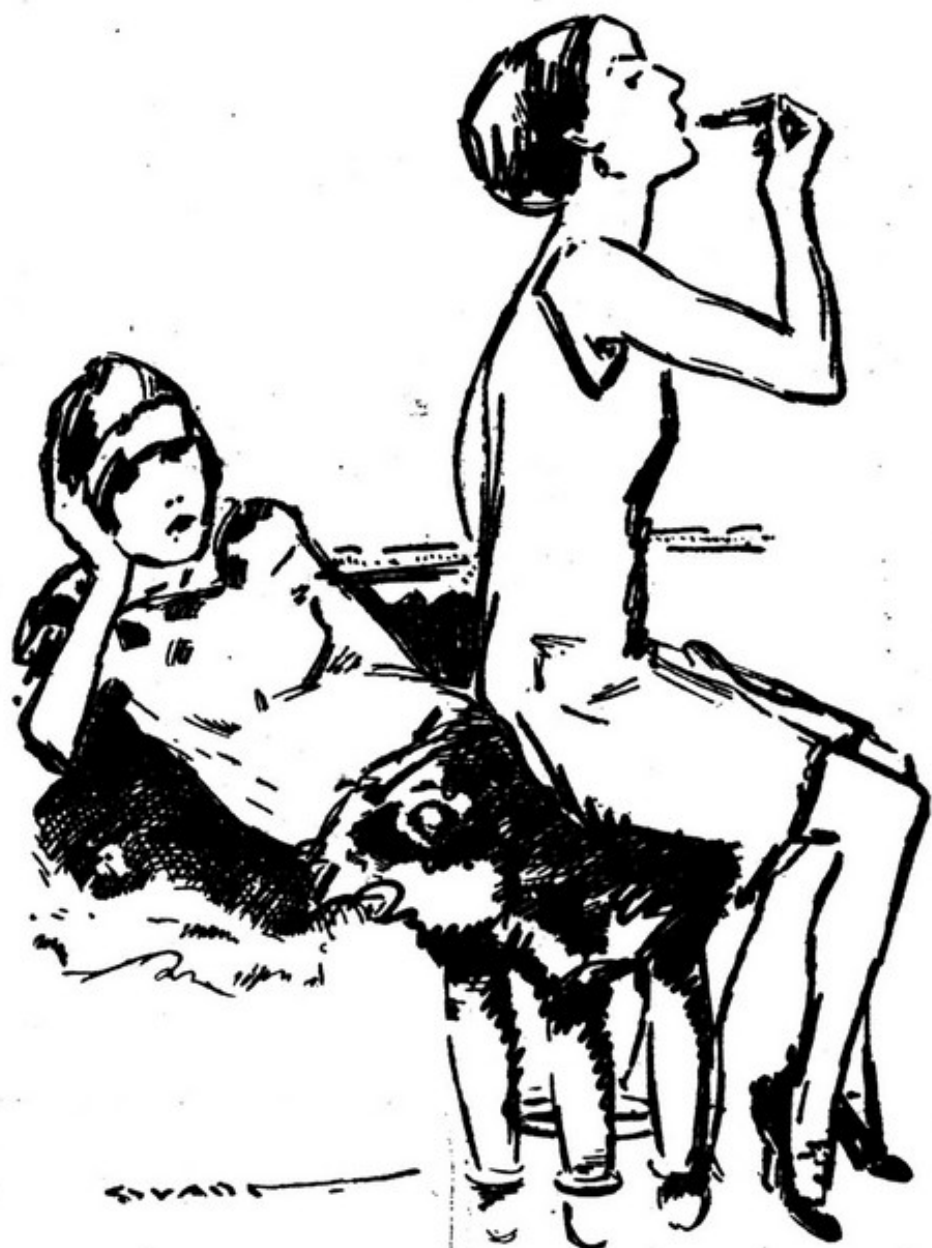
As condições estão patentes, em Lisboa, na repartição central do Serviço dos Armazens da Divisão de Material e Tracção (edifício da estação de Santa Apolonia) todos os dias uteis, das 10 ás 13 e das 15 ás 17 horas.

O deposito para ser admitido a licitar deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio externo da estação do Rossio.

Lisboa, 18 de Maio de 1927.—O Director Geral da Companhia, (a) Ferreira de Mesquita.



— Peço-lhe que não me siga porque sou casada.  
— Tem graça... Também eu!...



— Tenho um convite para a exposição de pintura.  
— O' filha, é de todas as artes a unica que não gosto.

## POLICIA MONTADA



Os novos modelos que o SEMPRE FIXE toma a liberdade de apresentar